

Boletim de Conjuntura da Bahia

Semanal (09-15/11/2020)

1. CENÁRIO ECONÔMICO

1.1 Cenário Internacional

Joseph Biden deve assumir o cargo de presidente dos Estados Unidos (EUA), a partir de 20 de janeiro de 2021, a não ser que a justiça americana atenda à contestação de Donald Trump. O presidente eleito vai enfrentar grandes problemas econômicos. O maior deles é o financiamento das medidas para conter a crise sanitária causada pela pandemia do novo coronavírus.

Os casos de infecção não param de crescer e o número diário de mortes pela doença voltou a crescer depois de uma queda. Diretamente ligada à questão de saúde pública está a economia, que vem sofrendo muito com a pandemia. No segundo trimestre, o Produto Interno Bruto (PIB) dos EUA teve retração histórica de 32,9%. No terceiro trimestre, porém, houve crescimento de 33,1% em relação ao período anterior. Emprego, indústria e relações comerciais se colocam como pilares essenciais para a retomada econômica dos Estados Unidos em 2021.

A pauta mais urgente é, sem dúvida, o desemprego. A criação de vagas desacelerou em outubro, o que, mais uma vez, colocou um sentimento de dúvida no mercado sobre a recuperação econômica dos Estados Unidos. Em outubro, os empregadores contrataram o menor número de trabalhadores dos últimos cinco meses. Foram 683 mil empregos criados fora do setor agrícola no mês passado, após um salto de 672 mil em setembro, segundo o Departamento do Trabalho do país.

A guerra comercial entre Estados Unidos e China foi um dos marcos da administração Trump. Em seus primeiros anos como presidente, ele tirou o país de vários acordos comerciais e firmou novo acordo com Canadá e México. O ano de 2020 começou com a fase 1 do acordo comercial entre China e Estados Unidos, mas depois as coisas esquentaram entre os dois países e o termo “tensão” tomou conta das manchetes.

Todas as medidas duras de Trump contra a China e de afastamento de acordos e entidades tiveram o objetivo, segundo o atual presidente, de proteger a indústria norte-americana. Isso porque muitas empresas saíram do país e passaram a produzir em locais onde encontram mão de obra mais barata e pagam menos impostos.

A recuperação da indústria, aliás, será um dos grandes desafios. O Federal Reserve (Banco Central dos Estados Unidos) informou que a produção industrial do país caiu 0,6% em setembro, o primeiro declínio registrado desde abril, quando houve o início das medidas de isolamento. A tradicional indústria automotiva, um símbolo americano, dá a dimensão do tamanho do problema: houve queda de 4% em setembro, o segundo declínio – em

agosto, a baixa foi de 4,3%.

A presidente do Banco Central Europeu (BCE), Christine Lagarde, alertou que a economia pode enfrentar uma recuperação “acidentada”, “arranca-para”, apesar das boas notícias sobre o desenvolvimento de vacinas. Lagarde disse que há o risco de que os consumidores, temerosos com a covid-19 e a incerteza, possam atrasar a recuperação. Segundo ela, governos e bancos centrais precisarão de políticas para preencher a lacuna até que uma vacina esteja disponível para todos. “Estamos vendo um forte ressurgimento do vírus e isso introduziu uma nova dinâmica”, disse ela.

1.2 Cenário Nacional

Em setembro, a Pesquisa Industrial Mensal (PIM) do IBGE mostrou que a produção industrial de 11 dos 15 locais pesquisados teve taxas positivas frente a agosto, na série com ajuste sazonal. A alta de 2,6% da atividade industrial, de agosto para setembro de 2020, refletiu a ampliação do retorno à produção, após as paralisações devido à pandemia da covid-19. O maior avanço foi no Paraná (7,7%), o quinto consecutivo, acumulando ganho de 46,2% no período.

A média móvel trimestral cresceu 4,8% no trimestre encerrado em setembro de 2020 frente ao nível do mês anterior, após avançar em agosto (7,1%) e em julho (9,0%), quando interrompeu a trajetória predominantemente descendente iniciada em novembro de 2019. Na comparação com igual mês do ano anterior, a produção industrial mostrou expansão de 3,4% em setembro de 2020, com 12 dos 15 locais pesquisados apontando resultados positivos.

As vendas no varejo brasileiro avançaram 0,6% em setembro na comparação com o mês anterior, de acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). É o menor percentual dos últimos três meses (em julho a alta foi de 4,7% ante junho e em agosto, de 3,1%, ante julho), o que dá indícios de desaceleração da retomada, embora seja a quinta alta consecutiva.

Na comparação com o mesmo período do ano passado, trata-se do maior percentual dos últimos três meses. O avanço em setembro foi de 7,3% ante o mesmo mês de 2019. Enquanto em julho, a alta foi de 5,5% e em agosto de 6,2%. Com esses resultados, as vendas no varejo de janeiro a setembro atingiram o mesmo patamar do ano passado. Até então, 2020 apresentava recuo em relação ao ano anterior. De janeiro a julho, a queda era de 2% e de janeiro a agosto o recuo era de 0,9%.

O volume de serviços prestados no país cresceu 1,8% em setembro, na comparação a agosto, na série com ajuste sazonal da Pesquisa Mensal de Serviços (PMS), divulgada dia 12 pelo IBGE. Foi a quarta taxa positiva seguida, acumulando alta de 13,4% no período. Esse resultado sucedeu uma sequência de quatro taxas negativas, entre fevereiro e maio, com perda acumulada de 19,8%.

Na série sem ajuste sazonal, frente a setembro de 2019, o volume de serviços recuou

7,2%, sua sétima taxa negativa seguida nessa comparação. O acumulado no ano caiu 8,8% frente ao mesmo período de 2019. A taxa dos últimos 12 meses recuou 6,0% em setembro de 2020, mantendo a trajetória descendente iniciada em janeiro de 2020 e chegando ao resultado negativo mais intenso da série deste indicador, iniciada em dezembro de 2012.

A atividade econômica avançou 1,29% em setembro, ante agosto, de acordo com o Índice de Atividade Econômica do Banco Central (IBC-Br). Esse é o quinto mês seguido em que o indicador, visto pelo mercado financeiro como uma prévia do PIB, registra alta.

Com isso, o IBC-Br avançou 9,5% no terceiro trimestre, ante queda de 1,5% do primeiro trimestre e de recuo de 9,7% no segundo trimestre, de acordo com dados do IBGE. Portanto, o indicador divulgado nesta sexta aponta para a saída da recessão.

Indicador Antecedente de Emprego (IAEmp), divulgado pela Fundação Getúlio Vargas (FGV), sinalizou que o mercado de trabalho no Brasil continuou em recuperação em outubro, porém com menos intensidade. O IAEmp, que antecipa os rumos do mercado de trabalho no Brasil, subiu 2,9 pontos e foi a 84,9 pontos em outubro, no sexto mês seguido de ganhos, porém mostrando desaceleração da recuperação desde julho.

"O resultado de outubro confirma o cenário de recuperação do mercado de trabalho. Apesar da sexta alta seguida, a melhora tem sido mais tímida com o passar dos meses. "A incerteza, que ainda se mantém elevada, e a proximidade do período final de ajuda do governo parecem contribuir para uma maior cautela dos empresários", explicou em nota Rodolfo Tobler, economista da FGV.

No trimestre encerrado em agosto, a taxa de desemprego do Brasil disparou a 14,4% e chegou ao maior nível da série, enquanto o número de desempregados foi a 13,8 milhões diante do aumento da procura por trabalho com a flexibilização das medidas de isolamento social, segundo dados do IBGE. O mercado de trabalho costuma ser o último a se recuperar em tempos de crise.

Em outubro de 2020, o IBGE realizou o primeiro prognóstico de área e produção para a safra de 2021. A safra brasileira de grãos, cereais e leguminosas em 2021 deve somar 253,2 milhões de toneladas, crescimento de 0,5% em relação a 2020, ou 1,25 milhão de toneladas. Já a estimativa de outubro para a safra de 2020 alcançou 252 milhões de toneladas, 4,4% superior à obtida em 2019 (241,5 milhões de toneladas).

A primeira estimativa da produção nacional de grãos, cereais, leguminosas e oleaginosas para 2021 prevê uma safra de 253,2 milhões de toneladas, com alta de 0,5% (ou mais 1,248 milhão de toneladas) em relação a 2020.

1.3 Cenário Baiano

Os resultados das pesquisas mensais do IBGE para as principais atividades econômicas da Bahia, sistematizadas e analisadas pela Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais da Bahia (SEI), mostraram um processo de recuperação significativo no terceiro trimestre

em relação ao segundo trimestre do ano.

Os dados do 10º Levantamento Sistemático da Produção Agrícola (LSPA) de outubro, divulgados pelo IBGE, mostram que a safra baiana de grãos deve ser recorde, alcançando 9,9 milhões de toneladas em 2020, com crescimento de 19,7% acima da safra de 2019. Este resultado, praticamente, consolida o desempenho da safra de grãos da Bahia em 2020, o melhor resultado da série histórica da pesquisa, com crescimento considerável da produtividade média dos grãos estimada em 3,1 toneladas por hectare, cerca de 20,0% superior à do ano passado.

A indústria geral (extrativa mais transformação), um dos setores mais afetados no início da pandemia, registrou, em setembro, sua quinta alta consecutiva, 4,0% ante o mês de agosto, na série com ajuste sazonal, de acordo com a Pesquisa Industrial Mensal do IBGE. Entre as atividades, a influência positiva mais relevante foi a de Produtos químicos (10,0%), explicada, especialmente, pela maior fabricação de hidróxido de sódio, policloreto de vinila (PVC) e polietileno linear para atender o crescimento da demanda por estes produtos.

A indústria geral da Bahia, diante de um cenário adverso, registrou uma recuperação expressiva no terceiro trimestre, de 18% em relação ao segundo, embora insuficiente para recuperar as perdas ocorridas no pico da pandemia, que foi no segundo trimestre, quando teve uma retração recorde de 23% em relação ao primeiro. As atividades que se destacaram foram: Bebidas (34,2%), Produtos Químicos (12,7%) e Produtos Alimentícios (7,7%). As taxas negativas da indústria em relação ao meses de 2019 vêm sendo cada vez menores, e na comparação com setembro de 2019 recuou 1,9%, registrando queda de 7,0% no acumulado do ano e de 5,8% em doze meses.

O comércio varejista baiano foi bastante impactado pelas medidas adotadas pelas autoridades sanitárias para conter a propagação do vírus, como fechamento de estabelecimentos não-essenciais, distanciamento social e restrição de circulação de pessoas.

A partir de julho, o processo de flexibilização foi iniciado, com efeitos muito positivos sobre o comércio varejista, que registrou em julho, crescimento de 9,7%, frente a junho, na série com ajuste sazonal. Os meses de agosto e setembro cresceram 8,5% e 0,8%, respectivamente, na mesma base comparação.

O comércio varejista apresentou, no terceiro trimestre, um crescimento recorde em relação ao segundo, com variação de 25,3%, após queda relevante de 15,6% no segundo trimestre na mesma base de comparação. Um dos fatores para este crescimento foi o auxílio emergencial de R\$ 600, no período, que aumentou a demanda de bens essenciais no comércio varejista baiano. O resultado do comércio no mês de setembro, em relação a agosto, já mostra o efeito contracionista da redução do auxílio emergencial de R\$ 600 para R\$ 300.

Em relação a igual mês do ano anterior, as vendas no comércio varejista baiano

registraram em setembro expansão de 7,1%. Mesmo assim, no acumulado do ano, o setor ainda registra queda de 6,2% e, nos últimos 12 meses, a contração é de 3,1%. O resultado das vendas do varejo em setembro ampliou a percepção de que o setor apresentou uma recuperação em “V”, caracterizada por forte queda, seguida de rápida retomada.

A incerteza predomina sobre o ritmo do crescimento do quarto trimestre, devido à possibilidade de uma segunda onda do coronavírus, mas se acredita que a dinâmica do setor, em setembro, deve prosseguir pelos próximos meses, com os segmentos mais dependentes de renda apresentando desempenho pior do que os dependentes de crédito. Destaque negativo, na pesquisa, os supermercados registraram o segundo mês consecutivo em queda - a inflação mais forte tem afetado a compra de alimentos. Já material de construção, móveis e eletrodomésticos tiveram alta.

Com a flexibilização das atividades econômicas, o setor de serviços, o mais afetado pela pandemia, respondeu de maneira satisfatória, crescendo 4,8% em setembro em relação a agosto, segundo resultado positivo consecutivo. No terceiro trimestre cresceu 4,4% em relação ao segundo, após uma queda recorde de 23,1% no segundo trimestre, que concentrou os impactos das medidas de isolamento social para enfrentamento da pandemia, comparado com o primeiro trimestre.

Em relação ao ano de 2019, os efeitos da pandemia sobre o setor de serviços ainda são evidentes. Na comparação com setembro do ano passado, o volume de serviços, na Bahia, caiu 16,7%; o indicador acumulado no ano decresceu 18,4%, e o indicador acumulado em 12 meses contraiu 14,4%.

As atividades do setor de serviços foram as últimas a entrarem no processo de flexibilização, e com a abertura gradual ainda cumprem regras rigorosas para o controle do vírus exigidas pelos órgãos de fiscalização sanitária. Diante dessa realidade, todas as atividades registram quedas no ano, com destaque para a atividade de Serviços prestados às famílias (-45,9%) que abrange restaurantes, e hotéis e lazer.

O setor de serviços está em processo de recuperação, mas o desempenho mostra-se mais lento do que a indústria e o comércio, em razão de ser o último a voltar a funcionar e com capacidade reduzida.

Dos indicadores divulgados na semana, somente o comércio exterior já com dados referentes a outubro, continua a apresentar recuo, embora nesse setor, a comparação só possa ser feita contra o mesmo período do ano anterior. No mês passado, as vendas externas baianas tiveram queda de 14%, frente ao mesmo mês do ano anterior, impactado pela redução de preços de segmentos importantes da pauta, já que o volume embarcado continuou superior em 9% o mesmo mês de 2019, beneficiado pela boa safra agrícola e pelo câmbio favorável. No ano, o quantum exportado acusa elevação de 27%.

No terceiro trimestre de 2020, as exportações tiveram queda de 13,9% ante o terceiro trimestre de 2019, mas inferior ao tombo do segundo trimestre, apogeu da pandemia, quando chegou a recuar 15,1%. Na comparação com os dez primeiros meses do ano passado, o valor das exportações baianas teve retração de 8,2%.

As taxas positivas na agricultura, indústria e comércio varejista tiveram impactos no mercado de trabalho formal com a geração de 9.420 postos de trabalho com carteira assinada em agosto de 2020, resultado da diferença entre 43.764 admissões e 34.344 desligamentos. O resultado é muito superior ao registrado no mês de julho, quando 3.182 postos celetistas foram gerados.

Os resultados positivos apresentados por três atividades fundamentais para o crescimento da economia refletiram na geração de empregos formais na Bahia no terceiro trimestre com a geração de 30.063 empregos, após uma redução forte do segundo trimestre de 57.655 postos de emprego formal, impactando o resultado do ano, que ficou negativo em 32.515 postos.

Portanto, a recuperação da atividade econômica da Bahia, no terceiro trimestre, está praticamente consolidada. De todo modo, em linha com a economia global, espera-se acomodação da taxa de crescimento neste último trimestre do ano. Boa parte do consumo de bens já ocorreu e o efeito marginal dos estímulos fiscais será decrescente. Mas antevê-se crescimento do PIB no quarto trimestre e melhora na ocupação formal, que segue surpreendendo, com o esperado prosseguimento da reabertura da economia, principalmente das atividades do setor de serviços e relacionadas ao turismo, fator ainda a ser monitorado pelo número total de casos e óbitos e de uma possível segunda onda da covid-19.

O governo da Bahia assinou no dia 12 último o contrato para construção da Ponte Salvador-Itaparica com o consórcio estatal chinês que terá um ano para elaborar o projeto e outros quatro para executar o empreendimento de infraestrutura de transportes. A ponte terá uma extensão de 12,4 km com acessos em Salvador e Vera Cruz. A concessão do projeto, executado por meio de uma parceria público-privada, terá 35 anos. O consórcio chinês é formado pelas estatais chinesas China Communications Construction Company (CCCC Ltd), CCCC South America Regional Company (CCCCSA) e China Railway 20 Bureau Group Corporation (CR20).

Após quase um ano de análise, o Tribunal de Contas da União (TCU) autorizou a publicação do edital para licitação da primeira fase da Ferrovia de Integração Oeste-Leste (Fiol), localizada na Bahia. Com o aval, sujeito a alguns ajustes, o governo poderá realizar o leilão para a concessão do trecho de 535 km entre as cidades de Caetité e Ilhéus.

Iniciada em 2011, a Fiol foi planejada originalmente para viabilizar a exploração e o escoamento do minério de ferro encontrado no interior do Estado. Outro objetivo, para as fases seguintes, é transportar a produção de grãos vinda do oeste baiano. O vencedor do certame - ainda sem data confirmada - terá que concluir as obras da estrada de ferro, que está sendo construída pelo governo, além de providenciar os sistemas de comunicação e sinalização e o material rodante. As obras estão atualmente com 75% de execução.

As próximas etapas da ferrovia visam ligar Caetité a Barreiras, onde fica o mais importante polo agrícola da Bahia. Em seguida, o plano é conectar a Fiol à Ferrovia Norte-Sul. O ministério da Infraestrutura já colocou a obra entre as prioridades da pasta para 2021.

A seguir são apresentados os setores econômicos, dando destaque às principais ocorrências da semana.

2. Agropecuária

- ✓ A maior variação (1,93%) e o maior impacto (0,39 p.p.) no Índice Nacional de Preços ao Consumidor Amplo (IPCA) de outubro, que subiu 0,86%, ficando 0,22 ponto percentual (p.p.) acima dos 0,64% de setembro, vieram do grupo Alimentação e bebidas, que desacelerou em relação a setembro (2,28%). Houve altas em outros sete grupos. A desaceleração observada ocorreu principalmente em função de altas menos intensas em alguns alimentos para consumo no domicílio (2,57%), como o arroz (13,36%) e o óleo de soja (17,44%). As variações no mês anterior haviam sido de 17,98% e 27,54%, respectivamente. (IBGE, 2020).
- ✓ Por outro lado, a alta no preço do tomate (18,69%) foi maior que em setembro (11,72%) e itens cujos preços haviam recuado no mês anterior, como as frutas (-1,59%) e a batata-inglesa (-6,30%), registraram alta em outubro (de 2,59% e 17,01%, respectivamente). No lado das quedas, destacam-se a cebola (-12,57%), a cenoura (-6,36%) e o alho (-2,65%). (IBGE, 2020).
- ✓ A alimentação fora do domicílio passou de 0,82% em setembro para 0,36% em outubro, influenciada principalmente pelas altas menos intensas da refeição (0,41%) e do lanche (0,42%), que haviam subido 0,66% e 1,12%, respectivamente, no mês anterior. (IBGE, 2020).
- ✓ A safra brasileira de grãos, cereais e leguminosas deve somar 253,2 milhões de toneladas em 2021, caso se confirme a projeção do primeiro prognóstico do Levantamento Sistemático da Produção Agrícola (LSPA), divulgado pelo IBGE. Este número é um novo recorde na série histórica iniciada em 1975 e representa um crescimento de 0,5% em relação às estimativas de 2020, de 252 milhões de toneladas. (IBGE, 10/11/2020).
- ✓ O aumento em 5,6 milhões de toneladas (4,6%) da produção da soja e de 445,3 mil toneladas (1,7%) da 1ª safra do milho devem ser os principais responsáveis pelo prognóstico de 2021. Outras produções devem sofrer reduções, como a 2ª safra do milho (-5,4%), do arroz (-2,4%), do algodão herbáceo (-11,9%), da 1ª safra do feijão (-2,2%), da 2ª safra do feijão (-4,5%) e da 3ª safra do feijão (-6,5%). (IBGE, 10/11/2020).
- ✓ Para o analista de Agropecuária do IBGE, Carlos Barradas, o preço em alta das commodities no mercado internacional motiva investimentos na produção de grãos, principalmente, milho e soja. Além disso, “a pandemia fez o consumo doméstico aumentar e os preços de alguns desses grãos dispararam”, explica. (IBGE, 10/11/2020).

- ✓ A estimativa de outubro para a safra de 2020 alcançou 252 milhões de toneladas, 4,4% superior à obtida em 2019 (241,5 milhões de toneladas). Para a soja, foi obtida uma produção de 121,5 milhões de toneladas. Para o milho, uma produção de 100,9 milhões de toneladas (26,6 milhões de toneladas de milho 1ª safra e 74,2 milhões de toneladas de milho 2ª safra). O arroz teve uma produção de 11,1 milhões de toneladas e, o algodão, de 7,1 milhões de toneladas. (IBGE, 10/11/2020).
- ✓ Mato Grosso lidera como maior produtor nacional de grãos, com uma participação de 28,9%, seguido pelo Paraná (16,0%), Rio Grande do Sul (10,5%), Goiás (10,3%), Mato Grosso do Sul (8,0%) e Minas Gerais (6,3%), que, somados, representaram 80,0% do total nacional. Com relação à participação das regiões brasileiras, tem-se a seguinte distribuição: Centro-Oeste (47,5%), Sul (29,1%), Sudeste (10,1%), Nordeste (8,9%) e Norte (4,4%). (IBGE, 10/11/2020).
- ✓ O décimo LSP, realizado pelo IBGE, relativo a outubro, projetou a produção baiana de cereais, oleaginosas e leguminosas (grãos) em torno de 9,9 milhões de toneladas para este ano, o que representa uma expansão de 19,7% na comparação com 2019 – o melhor resultado da série histórica da pesquisa. A soja, o algodão, apesar da ligeira queda em relação ao ano passado, e o milho foram as principais culturas, respondendo por cerca de 95% da safra de grãos do estado. Destaque também para o café (246 mil t, alta de 36,3%), que este ano se beneficiou da bialidade positiva.
- ✓ Os dados da Companhia Nacional de Abastecimento (Conab), em seu segundo levantamento relativo à safra 2020/2021, estimam produção de 9,9 milhões de toneladas de grãos, na Bahia, o que representa uma ligeira queda de 1,3% em relação ao ciclo 2019/2020. A estimativa para a área plantada indicou um patamar próximo ao do ciclo anterior, somando cerca de 3,1 milhões de hectares. O rendimento médio esperado é de 3,2 t/ha, ligeiramente inferior (-1,5%) ao da safra passada.

3. Indústria

- ✓ A produção da indústria baiana, de acordo com Pesquisa Industrial Mensal, divulgada pelo IBGE, avançou 4,0% em setembro, na comparação com agosto. É a quinta alta mensal seguida, porém não elimina as perdas de 28,6% acumuladas em março e abril, quando o setor registrou o patamar mais baixo devido ao distanciamento social adotado para controle da pandemia. Com isso, em setembro de 2020, a atividade industrial na Bahia ainda se encontra 7,8% abaixo do patamar de fevereiro último, quando a pandemia de covid-19 ainda não havia afetado a produção industrial do estado. O crescimento da indústria baiana nesse confronto foi acima do nacional (2,6%) e o sétimo maior entre os 15 locais pesquisados pelo IBGE. Nessa base de comparação, a indústria baiana, encontra-se 23,2% abaixo do seu pico máximo em junho de 2013. (IBGE, 10/11/2020).

- ✓ Em relação a setembro de 2019, a indústria baiana recuou 1,9%, pelo sexto mês consecutivo nessa comparação. Com isso, o setor industrial recuou 7,0% no acumulado do ano. Já nos últimos 12 meses, a produção da indústria caiu 5,8%. Na comparação de setembro de 2020 com igual mês do ano anterior, cinco das 12 atividades pesquisadas assinalaram queda da produção. A principal contribuição negativa foi de Veículos (-21,8%), seguida por Metalurgia (-17,6%), Extrativas (-8,1%), Couro, artigos para viagem e calçados (-8,9%) e Derivados de petróleo (-1,1%). (IBGE, 10/11/2020).
- ✓ O setor industrial recuou 4,6% no terceiro trimestre de 2020, na comparação contra igual período do ano anterior. A redução na intensidade de perda, observada na produção industrial na passagem do segundo (-20,9%) para o terceiro trimestre de 2020 (-4,6%) foi explicada, principalmente, pelo ganho de ritmo dos setores de Borracha e de material plástico (de -43,3% para 3,9%), Bebidas (de -18,0% para 18,9%), Produtos químicos (de -13,9% para 6,8%), Produtos alimentícios (de -3,7% para 7,9%), e Minerais não metálicos (de -1,6% para 7,4%). (IBGE, 10/11/2020).
- ✓ O consumo de energia elétrica no Brasil no mês de outubro apresentou crescimento de 1,4% em relação ao mesmo mês do ano passado, embora com menor intensidade do que em meses anteriores, apontam os dados do boletim InfoMercado Quinzenal, divulgado pela Câmara de Comercialização de Energia Elétrica (CCEE). Entre os estados, destaque para o crescimento na demanda energética ficaram com o Mato Grosso, Tocantins e Rondônia, variando 14%, 12% e 10%, respectivamente, sendo o Ambiente de Contratação Regulada (ACR) o grande responsável pela alta. Na outra ponta, as informações preliminares apontam o Rio Grande do Sul, Rio de Janeiro e o Distrito Federal como as regiões com maior retração frente ao mesmo mês do ano passado, com 10% e 1% para os dois últimos. (Canal de Energia e CCEE, 10/11/2020).
- ✓ Na Bahia, o consumo de energia elétrica aumentou 1,0% (ACL+ACR), com base nos dados do Informações ao Mercado da CCEE. Entre os ramos de atividade destacam-se os aumentos de Comércio varejista (42,0%) e Extração de minerais metálicos (25,0%); e a queda em Transportes (-18,0%), Veículos (-11,0%) e Minerais não-metálicos (-6,0%). (CCEE, 10/11/2020).
- ✓ A Neoenergia conseguiu iniciar a mobilização das obras do Complexo Eólico Oitis com uma antecipação de três meses em relação ao cronograma original. Os trabalhos foram iniciados na cidade de Casa Nova (BA), onde está localizado o parque Oitis 22. A Licença de Instalação foi obtida junto ao Instituto do Meio Ambiente e Recursos Hídricos (Inema), além do alvará de construção junto à Prefeitura do município. O projeto prevê 566,5 MW de potência instalada entre 12 parques e 103 aerogeradores a uma capacidade unitária de 5,5 MW, novidade no mercado mundial, cada um com 126 metros de altura, o equivalente a um prédio de 25 andares. Está prevista também uma subestação com tensão em 500 KV e aproximadamente 71 quilômetros de linha de transmissão para garantir a conexão

do novo complexo a subestação Queimada Nova II (PI). (Canal de Energia, 11/11/2020).

- ✓ O setor da construção deve ser um dos que mais vai prosperar nesse período pós-pandemia, principalmente quando se observa o comportamento das vendas de materiais de construção. De acordo com projeções da Federação do Comércio de Bens, Serviços e Turismo do Estado da Bahia (Fecomércio-BA), as vendas no varejo no mês de novembro, período quando ocorre a Black Friday, devem crescer 0,7% no contraponto anual. Segundo Carlos Marden, presidente do Sindicato da Indústria da Construção da Bahia (Sinduscon-Ba), “nos últimos meses, o empresariado da construção tem manifestado uma nova confiança no mercado. Os dois componentes do indicador de confiança – o Índice de Situação Atual e o Índice de Expectativas já superaram muito o patamar que se encontravam em fevereiro”. Segundo o IBGE, o Índice Nacional da Construção Civil (Sinapi) subiu 1,71% em outubro e ficou 0,27 ponto percentual acima da taxa de setembro, quando registrou 1,44%. O resultado é a maior elevação do ano. (Sinduscon-BA, 13/11/2020).
- ✓ Por sua vez, as empresas do setor imobiliário estão se preparando para um novo ciclo de crescimento pós-pandemia. Os números deixam claro que a crise da covid-19 não paralisou os investimentos. Prova disso é o Índice de Velocidade de Vendas (IVV), referente ao primeiro semestre de 2020, apontando 11,1%, considerado, até o momento, o melhor do ano. Informações da Associação Brasileira de Incorporadoras Imobiliárias (Abrainc) apontam que o investimento em imóveis rendeu, em média, 15,3% ao ano durante a última década. (Abrainc, 11/11/2020).

4. Comércio Varejista

- ✓ As vendas no comércio varejista baiano cresceram 7,1% em setembro de 2020, na comparação com igual mês do ano anterior. Essa taxa coloca a Bahia próxima da média nacional (7,3%). (IBGE, 11/11/2020).
- ✓ Na análise sazonal, o comércio varejista no estado baiano registrou taxa positiva de 0,8%. No acumulado do ano, a taxa foi negativa em 6,2%. Esses dados foram apurados pela Pesquisa Mensal de Comércio (PMC) do IBGE. (IBGE, 11/11/2020).
- ✓ As maiores contribuições positivas em setembro vieram do segmento Móveis e eletrodomésticos (51,3%), e Outros artigos de uso pessoal e doméstico (17,9%). Por outro lado, o comportamento do segmento de Hipermercados, supermercados, produtos alimentícios, bebidas e fumo (-4,7%) exerceu a maior influência negativa. (IBGE, 11/11/2020).
- ✓ No comércio varejista ampliado que inclui o varejo restrito e mais as atividades de Veículos, motos, partes e peças e de Material de construção o crescimento foi de 3,9% nas vendas, em relação à igual mês do ano anterior. No acumulado dos últimos 12 meses, a variação foi negativa em 5,9%. (IBGE, 11/11/2020).

- ✓ O segmento Veículos, motos, partes e peças registrou queda de 13,9% nas vendas em setembro de 2020, em relação à igual mês do ano anterior. Em relação a Material de construção, as vendas no mês de setembro foram positivas em 30,2%, no mesmo período de comparação. (IBGE, 11/11/2020).
- ✓ Em setembro, o ramo de hiper e supermercados registrou seu terceiro mês consecutivo de redução nas vendas, de acordo com a PMC do IBGE, limitando a recuperação do varejo. Para Cristiano Santos, gerente da pesquisa, as menores vendas de supermercados estão ligadas ao aumento de preços de alimentos. (Valor Econômico, 11/11/2020).

5. Serviços & Turismo

- ✓ De acordo com os resultados da Pesquisa Mensal de Serviços, realizada pelo IBGE, o volume de serviços no Brasil avançou 1,8%, em setembro de 2020, na comparação com o mês imediatamente anterior (série com ajuste sazonal), mantendo a ampliação registrada no mês de agosto (2,9%). Essa foi a quarta taxa positiva seguida, acumulando um ganho de 13,4%. A alta foi acompanhada por quatro das cinco atividades investigadas, com destaque para serviços de informação e comunicação que, ao avançarem 2,0% neste mês, acumularam um ganho de 7,0% no período junho-setembro, após terem recuado 8,9% entre janeiro e maio de 2020. Nessa análise, a Bahia também marcou expansão, com variação de 4,8%, após ter registrado avanço de 4,7% em agosto. Essa é a segunda variação positiva consecutiva e a sexta taxa positiva no ano de 2020. É importante destacar que entre os meses de agosto e setembro foi marcado pela retomada gradual de algumas atividades, tais como: movimentação de passageiros urbanos, intermunicipal e nos aeroportos, funcionamento de serviços públicos e meios de hospedagem, colaborando para a expansão do setor e geração de emprego. (IBGE).
- ✓ O volume de serviços retraiu 16,7%, em relação ao mesmo mês do ano de 2019. Todas as atividades puxaram o volume de serviços para baixo, com destaque, por ordem de magnitude, as atividades de Serviços prestados às famílias (-47,9%), seguido por Serviços profissionais, administrativos e complementares (-20,4%), Transportes, serviços auxiliares aos transportes e correio (-12,2%), Serviços de informação e comunicação (-6,6%), e Outros serviços (6,3%). (IBGE).
- ✓ A receita nominal de serviços retraiu 17,7%, em relação ao mesmo mês do ano de 2019. Todas as atividades puxaram a receita de serviços para baixo, com destaque, por ordem de magnitude, as atividades de Serviços prestados às famílias (-46,3%), seguido por Serviços profissionais, administrativos e complementares (-18,5%), Transportes, serviços auxiliares aos transportes e correio (-15,9%), Serviços de informação e comunicação (-4,8%), e Outros serviços (-4,7%). (IBGE).
- ✓ De acordo com o Ministério da Economia, em análise feita pelo Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (Sebrae), os pequenos negócios foram os

que reagiram mais rapidamente à crise, recuperando cerca de 443 mil postos de trabalho nos meses de julho, agosto e setembro. As micro e pequenas (MPEs) respondem a 30% de tudo o que é produzido no Brasil e são responsáveis por mais da metade (55%) dos empregos do país. No turismo, elas representam quase a totalidade (95%) dos empreendimentos do setor, englobam milhões de empregos e dão lazer, entretenimento e diversão para outros milhões de visitantes. As empresas de médio e grande porte também demonstram bom desempenho, mas em menor escala: elas criaram 245 mil vagas no mesmo período. Os números apontam, ainda, que no mês de julho o saldo na geração de emprego das micro e pequenas empresas foi 2,4 vezes maior que o das médias e grandes. Já nos meses de agosto e setembro, os saldos das MPEs foram 76% e 66% maiores que as médias e grandes, respectivamente. (MTur).

- ✓ De acordo com os resultados da Pesquisa Mensal de Serviços, realizada pelo IBGE, em setembro de 2020, o índice de atividades turísticas nacional cresceu 11,5% frente a agosto, quinta taxa positiva seguida, período em que acumulou ganho de 88,8%. O segmento de turismo ainda necessita avançar 66,1% para retornar ao patamar de fevereiro de 2020 (mês que antecedeu aos efeitos da pandemia). As medidas contra a covid-19 (como o estímulo ao isolamento social) atingiram de forma mais intensa e imediata boa parte das atividades turísticas, principalmente ao transporte aéreo de passageiros, restaurantes e hotéis. Regionalmente, as 12 unidades da federação acompanharam este movimento de expansão, com destaque para Bahia (33,7%), seguido por Distrito Federal (26,2%), Goiás (19,3%), Ceará (18,2%), Santa Catarina (17,9%). Em relação à receita nominal, todas as 12 unidades marcaram o mesmo ritmo de crescimento, nessa comparação a Bahia registrou a maior variação positiva (33,8%). (IBGE).
- ✓ No volume das atividades turísticas, quando comparado com o mesmo mês do ano anterior, Brasil caiu 38,7%, sétima taxa negativa seguida, pressionado, pela queda na receita de empresas que atuam nos ramos de transporte aéreo; restaurantes; hotéis; serviços de bufê; rodoviário coletivo de passageiros; agências de viagens; e locação de automóveis. Em termos regionais, todas as 12 unidades da federação pesquisadas tiveram recuo nos serviços voltados ao turismo, com destaque para Pernambuco (-47,5%), Rio Grande do Sul (-46,4%), Bahia (-44,5%), São Paulo (-43,8%), Distrito Federal (42,1%), Minas Gerais (-36,7%), e Rio de Janeiro (-31,3%). Em relação à receita nominal, todas as 12 unidades marcaram o mesmo ritmo de decréscimo, nessa comparação a Bahia apontou a terceira variação negativa mais expressiva (-48,0%). (IBGE).
- ✓ Cada vez mais pesquisas de opinião constataam a retomada das atividades turísticas e o turismo doméstico como ator principal neste cenário. Um levantamento recente realizado pela plataforma de busca de viagens Kayak aponta que 55% dos entrevistados pretendem viajar nos próximos seis meses. O número é mais que o dobro registrado em maio pela mesma pesquisa. O estudo realizado pelo Kayak também confirma a tendência de aumento da procura por atrações nacionais e mais próximas do viajante: 49% dos entrevistados afirmaram que pretendem viajar

pelo país e 27% pelo próprio estado. Os destinos de praia e natureza estão no topo da lista de desejos e as viagens em família são a principal motivação de 63% dos brasileiros entrevistados. Segundo os dados, os hotéis seguem sendo a preferência dos viajantes, porém há uma crescente nos aluguéis de temporada e acomodações alternativas, como cabanas, chalés e casas de campo. (MTur).

6. Comércio Exterior

- ✓ Mesmo batendo seu recorde anual ao atingir US\$ 764,5 milhões em outubro, as exportações baianas permaneceram em queda – pelo terceiro mês consecutivo – quando comparadas a 2019. No antepenúltimo mês de 2020, as exportações baianas ficaram 14% inferiores a igual mês do ano passado, ainda que o volume embarcado tenha crescido 9%, totalizando 1,34 milhão de toneladas, puxado pelo fôlego da agroindústria e pelo setor metalúrgico. As importações permaneceram em queda, como de resto durante todos os meses de 2020, com recuo de 36,2% a US\$ 441 milhões na mesma base de comparação.
- ✓ Mais uma vez, foi determinante para a queda das exportações, o recuo nos preços médios dos produtos vendidos ao exterior, que em outubro atingiram (-21,1%), comparados a outubro de 2019. O volume embarcado com alta de 9% sustentou o ritmo em diversos segmentos, que se beneficiaram do câmbio desvalorizado e ampliaram suas vendas, como o complexo soja com incremento de 27,8%; papel e celulose (27,6%); metalúrgicos (16,3%), dentre os mais importantes.
- ✓ No acumulado do ano até outubro, as exportações do agronegócio se expandiram 4,6%, em itens como soja, frutas, especiarias, fumo e carne de aves. Já os produtos manufaturados como um todo registraram queda de (-13%), comparados a igual período de 2019. Esse agregado já vinha perdendo substância na pauta exportadora, afetado por perda de competitividade sistêmica, logística inadequada e insuficiência de financiamento. Este ano, a essas condições adversas somaram-se aos efeitos da pandemia, que recrudescer justamente nos mercados que absorvem a maior parcela de produtos manufaturados baianos, como a Europa, os EUA e a América Latina. Isso sem falar do fator Argentina, que tem uma crise doméstica a vencer, e desde o ano passado vem comprando menos, principalmente automóveis, químicos e pneumáticos.
- ✓ De um modo geral, as exportações seguem se beneficiando do crescimento da China – cujos embarques cresceram 36,7% em volume e 7% nas receitas no mês passado. O aumento da demanda do país asiático tem impulsionado até a alta de preços, em alguns segmentos como soja, celulose e minério de ferro. O desafio permanece na queda dos embarques de produtos manufaturados (-55% em outubro), que pode recrudescer ainda mais com a segunda onda de covid-19 na Europa e nos EUA, maiores mercados para o setor, além do fator Argentina, que tem uma crise doméstica a vencer.
- ✓ As importações se mantêm em queda/estagnadas, mas devem paulatinamente ir reduzindo as perdas, no embalo da gradual retomada da atividade doméstica,

embora o real desvalorizado e a menor demanda por combustíveis limitem a recuperação. Com exceção dos bens de consumo, que subiram 14,4% em outubro, comparado ao mesmo mês do ano passado, todas as demais categorias registraram quedas, com destaque para a redução de 86% nas compras de combustíveis e de 38,2% na de bens intermediários.

- ✓ Com o resultado de outubro, a balança comercial da Bahia acumula um superávit de US\$ 2,5 bilhões em 2020, alta de 154,4% em relação ao mesmo período do ano anterior. As exportações somam US\$ 6,35 bilhões com recuo de 8,2% e as importações em US\$ 3,85 bilhões com queda de 35,1%, muito superior ao das exportações. A corrente de comércio, medida do dinamismo comercial e da integração ao mercado internacional, atingiu no período US\$ 10,2 bilhões com retração de 20,6%.
- ✓ O secretário especial de Comércio Exterior e Assuntos Internacionais do Ministério da Economia, Roberto Fendt Junior, afirmou que a redução do comércio exterior brasileiro observada neste ano tende a perdurar, com recuperação lenta. Fendt afirmou que a pandemia criou pressões protecionistas no mercado internacional que somado a queda de demanda dos países de destino e desvalorização da moeda brasileira, deve resultar numa redução dos fluxos comerciais, que tende ainda este ano a perdurar, tendo em vista que as circunstâncias que determinam o crescimento dessas duas variáveis vão mudar muito lentamente. (Folha de São Paulo, 12/11/20).
- ✓ Este ano de 2020 deve ser encerrado com um saldo positivo de US\$ 55 bilhões na balança comercial, segundo previsões do governo. O dado, no entanto, será motivado por um recuo nas exportações e uma queda ainda mais forte nas importações. Pela estimativa do Ministério da Economia, as vendas de produtos brasileiros ao exterior devem cair 6,5% neste ano. A importação, por sua vez, deve retrair 12,5% no mesmo período.
- ✓ Embora o Brasil seja uma das dez maiores economias do mundo quando se avalia a paridade de poder de compra, o país tem desempenho muito inferior quando se observa a corrente de comércio. Segundo o secretário, Roberto Fendt, o Brasil apenas está melhor do que países como Cuba, Sudão e Turcomenistão quando se avalia o indicador de importação sobre PIB. "Não estamos em companhia de economias florescentes, economias de desempenho acentuado", afirmou. (Folha de São Paulo, 12/11/20).

7. Finanças Públicas

- ✓ Segundo estudo da Consultoria Legislativa do Senado, o novo Projeto de Lei Complementar (PLP 101/2020) que criou o Programa de Enfrentamento ao Coronavírus prevendo auxílio financeiro aos entes federativos é visto como um risco ao controle das contas públicas, uma vez que flexibiliza as atuais regras vigentes. O projeto traz requisitos para que os estados e municípios entrem no

Programa de Acompanhamento e Transparência Fiscal - Plano de Promoção do Equilíbrio Fiscal. Dentre os pontos de maior flexibilidade estão a não exigência de que a receita corrente líquida (RCL) anual seja menor que a dívida consolidada (DC), isso, por tempo indeterminado; a alteração de 70% para 60% do nível mínimo de comprometimento da RCL com despesas de pessoal; e ainda a possibilidade de adesão ao programa por entes com despesas correntes superiores a 95% da receita corrente do ano anterior.

- ✓ Dentre outros pontos estão a ampliação do prazo de duração da adesão de três para dez anos, e exclusão por inadimplência por dois anos seguidos, em que o ente pagará suas dívidas nas condições originais, sem recálculos de passivos, não podendo, no entanto, contratar novas operações de crédito por três anos.
- ✓ Outra preocupação diz respeito à exclusão dos excedentes de gastos com saúde e educação do Teto dos Gastos. Como aumento de gastos de todas as áreas do governo não pode superar a variação da inflação, caso o excesso apurado não fosse excluído da base de cálculo, poderia haver estrangulamento de outros gastos primários. Neste sentido embora seja uma precaução, essa exclusão não contribui para o ajuste das contas públicas desses entes. Como possível solução o estudo propõe limitar o crescimento dessas despesas à taxa de inflação durante o regime de recuperação viabilizado através de nova emenda constitucional.
- ✓ Tendo em vista todas essas questões, há uma incerteza sobre a aprovação do PLP 10/2020 uma vez que o mesmo possa contribuir no sentido oposto do equacionamento da crise fiscal que acomete a estados e municípios, havendo uma certa postergação do problema. O estudo ressaltou ainda que tal proposição aponta questões centrais do federalismo fiscal brasileiro. O projeto se encontra na Câmara e deve ser votado a partir da próxima semana.
- ✓ Com a aprovação do projeto de lei 18/2020, que prevê a compensação das perdas dos entes federados com a Lei Kandir (com desoneração de produtos para exportações), estados e municípios devem receber cerca de R\$ 58 bilhões, de forma escalonada, até 2037. Além desses recursos, estão previstos outros dois repasses extras da União. O primeiro, de R\$ 3,6 bilhões, está condicionado à aprovação da Proposta de Emenda à Constituição do Pacto Federativo PEC 188/2019 e o segundo, de R\$ 4 bilhões, dependerá do leilão de petróleo dos blocos de Atapu e Sépia. Assim, com esse acordo, já homologado pelo Supremo Tribunal Federal – STF, a primeira parcela do total devido pela União aos estados, ao Distrito Federal e aos municípios será quitada ainda no ano de 2020.

Tabela – Perspectivas de Curto Prazo – Bahia – 2020

Principais Indicadores	Resultado observado (%)			Projeção 2020(1) (%)				
	Mensal	Ano	12 Meses	Out.	Nov.	Dez.	Jan./21	Tendência
Indústria (set.)	-1,9	-7,0	-5,8	-2,7	-1,5	-1,0		
Comércio (set.)	7,1	-6,2	-3,1	4,2	4,8	3,3		
Serviços (set.)	-16,7	-18,4	-14,4	-9,5	-8,7	-4,2		
Agricultura (out.) (2)	20,3				20,3	20,3	20,3	
Exportações (out.)	-14,0	-8,2	-13,6		-3,2	7,1	12,3	
Importações (out.)	-36,2	-35,1	-27,6		-6,1	10,0	5,2	
ICMS (out.) (3)	17,7	-1,0	-1,2		3,6	4,6	4,9	
FPE (out.) (3)	14,4	-6,1	0,6		-3,7	-0,8	3,6	

Elaboração: SEI/Distat/CAC.

Notas: **Mensal** - variação no mês em relação ao mesmo mês do ano anterior;

Ano - variação acumulada observada até o mês do ano em relação ao mesmo período do ano anterior;

12 meses - variação acumulada observada nos últimos 12 meses em relação aos 12 meses anteriores;

(1) Projeção - tendência, para os próximos três meses, dados sujeitos à mudança metodológica;

(2) LSPA: estimativa da safra de grãos;

(3) Sefaz e Tesouro Nacional: variação nominal.

Governo do Estado da Bahia

Rui Costa

Secretaria do Planejamento

Walter de Freitas Pinheiro

Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais da Bahia

Jorgete Oliveira Gomes da Costa

Diretoria de Indicadores e Estatística

Armando Affonso de Castro Neto

Equipe Técnica

Arthur S. Cruz Júnior, Carla Janira do Nascimento, Elissandra Alves de Brito, João Gabriel R. Vieira, Luiz Mário R. Vieira, Maria Margarete de Carvalho A. Perazzo, Pedro Marques de Santana, Poliana Peixinho, Rosângela Ferreira Conceição, Zélia Maria de C. Góis

Equipe Editorial

Vinícius Luz (designer gráfico), Ludmila Nagamatsu (editoria de arte), Elisabete Barretto (editoria-geral)